

**TURISMO ARQUEOLÓGICO E O SEU VALOR ECONÔMICO INCLUSIVO E CULTURAL:
APLICAÇÃO DESSES CONHECIMENTOS NA EDUCAÇÃO, ENSINO DE CIÊNCIAS,
MATEMÁTICA E GEOGRAFIA**

Ricardo Aparecido Campos

Doutor em Geografia
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: rcampos@uenp.edu.br

Carla Holanda da Silva

Doutora em Geografia
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: carlaholanda@uenp.edu.br

Gabriela Helena Geraldo Issa Mendes

Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: gabriela.mendes@uenp.edu.br

Amália Rebouças de Paiva e Oliveira

Doutora em Educação Especial
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: amalia.oliveira@uenp.edu.br

Carla Gomes de Araujo

Doutora em Ciências Biológicas
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: carlacgabio@uenp.edu.br

Coaracy Eleutério da Luz

Doutora em Geografia
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: coaracyluz@uenp.edu.br

Juliana Telles Faria Suzuki

Doutora em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: julianasuzuki@uenp.edu.br

Jully Gabriela Retzlaf de Oliveira

Doutora em Agronomia
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: jullyoliveira@uenp.edu.br

Taíse Ferreira da Conceição Nishikawa

Doutora em História
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
E-mail: taíse@uenp.edu.br

Crislaine Santos da Silva

Licenciatura em Geografia

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)

E-mail: crislaine.silva1837@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda a relação entre o turismo arqueológico e sua aplicação no desenvolvimento local, com foco na inclusão social e na preservação cultural e histórica. Busca explorar o valor econômico, inclusivo e cultural do turismo arqueológico, analisando como esse campo do conhecimento pode ser aplicado na educação e no ensino de disciplinas como Ciências, Matemática e Geografia. A partir da análise de projetos como o TURARQ e a Rede Caiçara, destaca-se a importância da participação ativa da comunidade local no processo de estruturação e gestão do turismo, garantindo que o desenvolvimento seja sustentável e respeite a identidade cultural dos territórios. Além disso, o artigo discute como o ensino de Ciências, Matemática e Geografia pode ser integrado ao turismo arqueológico, com ênfase no ensino inclusivo, atendendo às necessidades de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Altas Habilidades. Conclui-se que o turismo arqueológico, aliado à educação inclusiva e à valorização do patrimônio cultural, pode promover um desenvolvimento mais justo, sustentável e socialmente responsável.

Palavras-chave: Turismo Arqueológico. Desenvolvimento Local. Inclusão Social. Preservação Cultural. Educação Inclusiva. Ensino de Ciências.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o turismo arqueológico tem se consolidado como uma importante ferramenta de valorização do patrimônio cultural e desenvolvimento econômico sustentável. Além de proporcionar experiências imersivas para os visitantes, esse segmento turístico estimula a conscientização sobre a importância da preservação histórica e incentiva a participação das comunidades locais na gestão do patrimônio. Dessa forma, o turismo arqueológico não apenas resgata a memória coletiva, mas também se apresenta como uma oportunidade para o crescimento econômico e a inclusão social, promovendo práticas sustentáveis e respeitadas com o meio ambiente e as culturas locais.

O presente artigo busca explorar o valor econômico, inclusivo e cultural do turismo arqueológico, analisando como esse campo do conhecimento pode ser aplicado na educação e no ensino de disciplinas como Ciências, Matemática e Geografia. A relação entre turismo e educação permite a construção de metodologias inovadoras, que integram a vivência prática ao ensino formal, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa. Além disso, destaca-se a importância de práticas inclusivas no contexto educacional, garantindo que estudantes com diferentes perfis de aprendizagem tenham acesso ao conhecimento e à valorização do patrimônio arqueológico.

Dentre os exemplos analisados, destacam-se iniciativas como o projeto TURARQ e a Rede Caiçara, que demonstram como o turismo arqueológico pode ser um vetor de desenvolvimento local. A participação ativa das comunidades na estruturação dessas práticas garante que os benefícios econômicos e culturais

sejam distribuídos de maneira equitativa, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a identidade local. Nesse sentido, a conexão entre turismo, educação e inclusão social torna-se essencial para promover um modelo de desenvolvimento sustentável e responsável.

De acordo com Barreto (2000), o turismo pode ser entendido como um ato praticado pelos turistas, ou seja, indivíduos que se deslocam temporariamente de seu local de residência para outros destinos, motivados por lazer, cultura ou negócios. A prática do turismo obedece a motivações diversas, que variam de acordo com a personalidade do indivíduo, seu cotidiano, tipo de trabalho, nível de escolaridade, posição social, visão de mundo e cultura. Assim, trata-se de uma prática que se origina no plano pessoal, movida por desejos, vontades e ambições, e se concretizam no coletivo, manifestando-se em ações como a compra de passagens, a reserva de hotéis e o estudo da cultura local do destino planejado.

Em contraste, Widmer (2009, p. 67) diz que

Turismo arqueológico pode ser definido como um segmento no qual ocorre o deslocamento voluntário e temporário de indivíduos, motivados pelo interesse ou desejo de conhecimento de aspectos pertinentes a culturas passadas, a locais onde se encontram vestígios materiais representativos de processo evolutivo do homem no planeta, deixados por sociedades pretéritas.

Esse tipo de turismo é parte do turismo cultural, o que implica práticas que envolvem o valor, o cuidado e o respeito pelos locais visitados, como sítios arqueológicos e patrimônios tombados. Tal prática é frequentemente influenciada por arqueólogos, que promovem a visibilidade desses locais e buscam maior investimento em pesquisa (Serrão, 2007).

Tresserras (2004) observa que, quando se trata de turismo arqueológico, os destinos mais tradicionais estão localizados no Egito, Grécia, Itália, Tunísia, Turquia, México, Peru, entre outros. Esses destinos clássicos, ricos em história, desempenham papel fundamental no entendimento do mundo antigo, o que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento do mundo contemporâneo em diversas áreas, como legislação, política, agricultura e arquitetura.

No contexto contemporâneo, caracterizado pela globalização e pela fluidez dos valores e interações sociais, como aponta Bauman (2001), observa-se uma tendência preocupante: a prevalência de uma cultura superficial, centrada na busca incessante por validação em diversas esferas da vida, especialmente nas redes sociais. Nesse cenário, muitos indivíduos priorizam a construção de uma imagem idealizada, muitas vezes desvinculada de profundidade e autenticidade. No entanto, ao voltarmos o olhar para o campo do turismo arqueológico, percebemos uma dinâmica distinta. Como destacam López e Moreno (2018, p. 601), “[...] alguns turistas que acessam o Patrimônio Arqueológico, o fazem no contexto de conhecer e não apenas visitar um lugar desconhecido relativamente distante”.

Diversos tipos de destinos estão disponíveis, no entanto, estes, em especial, são caracterizados por estadas curtas, pois os sítios arqueológicos são preservados por órgãos governamentais e são campos de

pesquisa contínuos. Em vista disso, grande parte dos turistas visita esses locais com o intuito de aprender sobre a cultura local, buscando uma compreensão mais profunda da história dos antepassados, seja no modo de vida ou nos destinos que levaram à sua extinção. Esse é o verdadeiro valor do turismo arqueológico: um processo de compreensão respeitoso, sem pressa ou julgamentos.

O turismo, nesse contexto, pode ser considerado um veículo de identidade, preservação e inclusão. Ao implementar rotas e roteiros turísticos que visam valorizar um local, é essencial que a comunidade que nele habita também reconheça a importância de integrar esse patrimônio à sua identidade cultural (Menéndez, Guerra & Monteiro, 2015). Diante disso, o objetivo deste artigo é explorar o verdadeiro valor do turismo, especialmente o turismo arqueológico, analisando seu impacto na comunidade local, sua relação com a preservação do patrimônio, a promoção da inclusão social e suas potencialidades para o ensino de Ciências, Geografia e Matemática. A metodologia adotada para a pesquisa inclui levantamento bibliográfico, análise de dados estatísticos, como gráficos, e o estudo de casos específicos de turismo arqueológico

2 IMPACTO ECONÔMICO DO TURISMO ARQUEOLÓGICO

Segundo Rebollo (1997) e Passanoto Netto (2007), o turismo não mais se caracteriza como um fator econômico isolado e linear, mas especializado e complexo em suas múltiplas relações e facetas. A prática do turismo gera uma economia globalizada e se estende por uma rede de fluxos, envolvendo desde o transporte, hospedagem e roteiros até os serviços complementares, como seguros e alimentação. Palomeque (2001) destaca que a relevância econômica do turismo é evidenciada por sua complexidade, que abarca diversos subsetores econômicos, como a demanda, a oferta, os operadores de mercado e o destino turístico enquanto espaço geográfico, interagindo com diferentes setores.

Essa visão é corroborada pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 2022), que aponta o contínuo crescimento do fluxo de turistas, atingindo recordes anuais. Em 2007, cerca de 898 milhões de visitantes foram registrados, com um aumento de 6,2% em relação ao ano anterior. Guimarães e Brandão (2009) explicam que o crescimento se deve principalmente aos mercados emergentes e economias em desenvolvimento. Contudo, para que o turismo efetivamente contribua para o desenvolvimento de países, regiões ou localidades, é necessário avaliar mais do que a oferta, a procura e os impostos arrecadados. É preciso usar indicadores econômicos como instrumentos de planejamento sustentável para melhorar a qualidade de vida das comunidades locais, principalmente aquelas nos destinos turísticos.

Apesar do potencial econômico, o turismo apresenta desafios como a sazonalidade, a desarticulação das atividades econômicas tradicionais e as mudanças na estrutura do trabalho (Dias, 2003). A prática turística não é contínua, acontecendo em períodos específicos, como férias, feriados ou finais de semana, e é afetada por variáveis externas, como o clima e, mais recentemente, pela pandemia de COVID-19. O

gráfico (figura 1) ilustra que a produção do setor caiu 44% nos três primeiros meses de 2020, em comparação com o período anterior à pandemia, com uma recuperação gradual nos meses subsequentes.

Figura 1. Potencial de geração de receitas no turismo.



Fonte: Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2021).

Além disso, as festividades, como o Carnaval, representam importantes fontes de receita no turismo. Farias (2003), observa que essas celebrações são símbolos centrais da tradição cultural brasileira, promovendo a circulação de símbolos e a redefinição de espaços urbanos, estimulando o comércio de lazer e diversão.

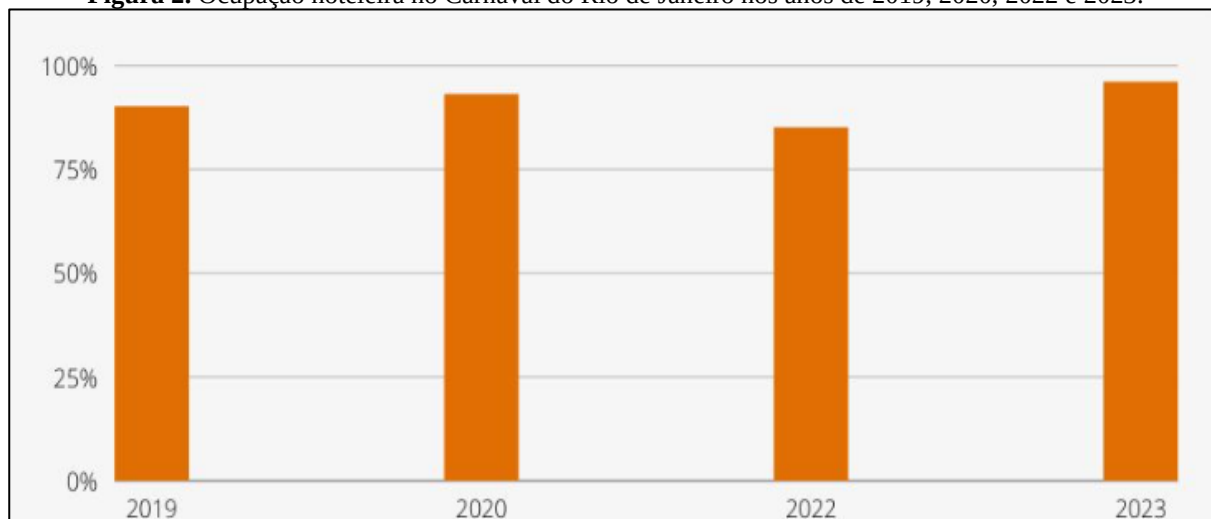
Neste ano, de 2025, cerca de 8 milhões de pessoas visitaram o estado do Rio de Janeiro para aproveitar o Carnaval, ao menos 160 países foram representados, como destacou Nilo Félix, subsecretário de estado de Turismo Segundo O Globo (2025), o impacto econômico desse evento é significativo, como evidenciado pelo subsecretário, a festa movimentou cerca de aproximadamente US\$R\$ 6,5 bilhões, sendo que R\$ 5 bilhões foram movimentados apenas na capital fluminense. O Carnaval do Rio de Janeiro de 2025 gerou cerca de 50 mil empregos, relacionados tanto aos preparativos quanto à realização do evento.

Observado o encadeamento promovido nas últimas décadas, percebe-se que a materialidade turística deu consistência aos nichos das viagens e aos lugares turísticos e estes passaram a corresponder, cada vez mais, a espaços de circulação intensa e densa integração funcional da economia capitalista global, espaços esses demarcados como territórios de fronteiras indefinidas, permeados pelos signos da civilização moderna, por intermédio da materialidade dos seus utensílios e pela regulação das suas instituições cosmopolitas, aninhadas na rede de consumo transnacional (Farias, 2005, p. 665).

Farias (2005) destaca ainda que, no Brasil, o turismo se adapta às características geográficas e étnico-históricas locais. Gráficos como o apresentado na Figura 2, mostram as taxas de ocupação hoteleira no Rio de Janeiro entre 2019 e 2023. A cidade atingiu 90% de ocupação em 2019, com uma ligeira queda em 2022

devido à suspensão do Carnaval, mas uma recuperação significativa em 2023, quando as taxas chegaram a 96%.

Figura 2. Ocupação hoteleira no Carnaval do Rio de Janeiro nos anos de 2019, 2020, 2022 e 2023.



Fontes: Sindicatos do Meios de Hospedagem do Rio de Janeiro (HotéisRio) (2022); Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (AHIB – RJ) (2023) e RioTur (2019).

No turismo arqueológico, os geoparques ganham destaque. Os geoparques mundiais, reconhecidos pela Unesco, são territórios de importância científica, cultural, geológica, arqueológica e histórica. Um exemplo notável é o Geoparque Seridó (Figura 3), no Estado do Rio Grande do Norte, que foi incluído na lista da Unesco em 2021 como patrimônio cultural. Com idades geológicas de até 640 milhões de anos, a região possui 21 geossítios¹ e atrai turistas interessados na geodiversidade e nas paisagens únicas.

¹ Os Geossítios são locais bem delimitados geograficamente e que concentram formações geológicas com um grande valor científico, estético, ecológico, turístico, cultural e educativo. Rochas, fósseis, ou até mesmo o solo podem estar entre as características próprias destes locais e ajudam a contar a história da Terra. Um conjunto de geossítios forma o Patrimônio Geológico de uma determinada área.

Figura 3. Geoparque Seridó – Geossítio Xiquexique - Coordenadas: 6° 33' 04"S, 36° 33' 31"W.



Fonte: UNESCO (2022).

O crescimento do turismo no Geoparque Seridó tem sido notável, com destaque para os sítios arqueológicos Xiquexique e o Monte do Galo, cujos atrativos aumentaram significativamente com o reconhecimento da Unesco. Ruschmann (2002) observa que hoje o turismo é um fenômeno coletivo, emergente de uma realidade urbana e tecnicista. No entanto, a falta de investimentos em muitos lugares impede que eles sejam reconhecidos, limitando seu potencial turístico e econômico.

Novaes (2016) explica que a identificação e delimitação de um geoparque devem ser sustentadas em três pilares principais: geoconservação, geoeducação e geoturismo. Silva et al. (2021) e Hose (2012) destacam que o geoturismo vai além da simples apreciação das paisagens, promovendo o entendimento das transformações geológicas ao longo do tempo, o que é especialmente valioso para o turismo escolar. A Unesco (2024) enfatiza que a criação de empresas voltadas ao turismo geológico pode gerar novas fontes de renda, além de promover a conscientização sobre a conservação dos geossítios.

O Geoparque Seridó, tradicionalmente voltado para atividades como pecuária, agricultura e mineração, tem visto uma diversificação em suas atividades econômicas, incluindo a produção leiteira, caprino-ovinocultura e turismo. Em 2020, os seis municípios que integram o Geoparque representaram

32,37% do PIB da Microrregião do Seridó Potiguar, movimentando mais de 345 bilhões de reais (Idema, 2009).

Entretanto, o turismo sustentável deve ser uma prioridade, alinhando o progresso econômico com a conscientização ambiental e social. Nascimento (2020) sugere que a combinação de geoconservação com oportunidades de renda e emprego pode criar uma estratégia eficaz de desenvolvimento sustentável, fortalecendo a conexão entre as comunidades e seus recursos naturais e culturais.

Outro exemplo importante é a Serra da Capivara, no Piauí, que abrange mais de 1.300 sítios arqueológicos. Em 2020, a região recebeu investimentos de 200 milhões de reais no programa Investe Turismo, beneficiando 56 municípios. O turismo na Serra da Capivara não só contribui para a economia local, mas também para a conservação e valorização cultural. O Parque Nacional da Serra da Capivara é preparado para o uso público com mais de 400 quilômetros de estradas e trilhas, além de passarelas acessíveis em 16 sítios arqueológicos.

Brasil (2019) e Rodrigues (2021) destacam que as pesquisas interdisciplinares realizadas na Serra da Capivara impulsionaram a criação de estratégias de conservação e manejo que foram integradas ao desenvolvimento socioambiental da região, visando transformá-la em um polo turístico.

Além disso, Rodrigues (2021) menciona a construção do Museu do Homem Americano (MHA) e do Museu da Natureza, que se tornaram importantes atrativos turísticos. O MHA expõe o crânio Zuzu, além de painéis informativos sobre o povoamento na América e artefatos arqueológicos significativos da região. O Museu da Natureza, com sua museologia moderna, exibe a evolução natural da área, incluindo fósseis da megafauna pleistocênica, em uma estrutura de 1.700 metros quadrados em formato de caracol. Em seu primeiro ano o museu atraiu mais de 50 mil visitantes, fortalecendo tanto o turismo quanto a economia local.

Como Scherer (2005) observa, as emoções despertadas pelos destinos turísticos, ao se relacionarem com os elementos materiais e simbólicos, criam um vínculo entre o local e o visitante, reforçando o valor do lugar para a comunidade.

O turismo arqueológico tem o poder de gerar benefícios econômicos, mas também de promover uma transformação cultural nas comunidades locais. A prática turística, ao atribuir novos significados a lugares historicamente negligenciados, pode contribuir para a valorização cultural e econômica. Como afirmam Trigo e Neto (2003), o turismo é moldado pela consciência coletiva, através dos sentidos e das memórias, sendo capaz de redefinir identidades e gerar novas fontes de renda e emprego.

Nessa mesma linha de reflexão, mensurar o valor econômico de forma exata se torna algo dificultoso, pois não envolve de forma isolada o roteiro, a comida, as passagens, as pessoas, mas engloba o todo, alcançando pessoas direta e indiretamente, pois segundo Molina e Rodríguez (2001), o turismo contemporâneo é essencialmente um produto da cultura, em seu sentido mais amplo. Portanto, explicações e definições de natureza econômica, embora importantes, são insuficientes para compreender

completamente a importância e complexidade do turismo, pois não abrangem nem consideram as diversas dimensões desse fenômeno.

3 TURISMO ARQUEOLÓGICO: INCLUSÃO, PRESERVAÇÃO CULTURAL E HISTÓRICA

Reformular o desenvolvimento local exige um foco no aspecto humano, como destaca Martins (2002). Isso envolve não apenas a criação de oportunidades econômicas, mas também a participação ativa da comunidade local no processo de desenvolvimento. Não se trata de uma mera transferência de benefícios para a comunidade, mas de um processo colaborativo que gera uma sensação de pertencimento ao território. Raffestin (1993) argumenta que essa conexão com o local, através da identidade e do senso de pertencimento, se intensifica durante o processo de ocupação e organização de um determinado local. Ao atribuir valores culturais, simbólicos e afetivos à região, as pessoas ressignificam o ambiente onde vivem como um reflexo de suas próprias histórias e identidades.

O envolvimento contínuo e eficaz da comunidade no processo de desenvolvimento de espaços turísticos não se limita a uma formalidade, mas é um elemento essencial para o sucesso do turismo. Em um mundo pós-moderno, o turista busca experiências que revelam o que é único e distinto. Segundo Mundet (2016), o turista contemporâneo valoriza a autenticidade e a singularidade dos destinos, buscando mais do que os pacotes turísticos padronizados de antigamente. Ele se interessa por práticas culturais genuínas, como a arte local, tradições musicais ou a culinária típica que só pode ser encontrada em determinada região. A crescente demanda por experiências únicas demonstra que o turismo moderno se afasta do modelo de massa, privilegiando o que é raro e autêntico.

De acordo com Laraia (1986), Edward Tylor (1832-1917) foi responsável por popularizar o conceito de "cultura" no campo da etnografia, entendendo-a como um conjunto de crenças, valores, práticas artísticas, sistemas legais, e outras formas de comportamento e conhecimento adquiridos pelos indivíduos dentro de uma comunidade. Nesse contexto, é possível refletir sobre como o turismo pode ser tanto uma ferramenta de valorização cultural quanto uma atividade inclusiva, que transcende o lucro imediato para beneficiar as comunidades locais.

No entanto, Krippendorf (2003) argumenta que, na era contemporânea, o turismo muitas vezes é associado ao entretenimento, uma forma de lazer que serve como uma “anestesia social”, aliviando as pressões sociais sobre as classes trabalhadoras, enquanto a elite se mantém como a principal consumidora dessas experiências. A exclusão das comunidades locais desse processo é uma face negativa do turismo. Contudo, dados da SEBRAE (2022) demonstram que o turismo arqueológico tem o potencial de impulsionar uma cadeia de produção, abrangendo empresas de viagens, hospedagens, restaurantes e outros setores, resultando em um crescimento econômico para as comunidades vizinhas. Este tipo de turismo depende de

um esforço conjunto entre turistas e comunidade local para preservar os sítios arqueológicos e manter a autenticidade e a identidade cultural da região.

Woodward (2007) destaca que a cultura não é apenas uma construção simbólica, mas também está imersa em objetos e aspectos materiais, como as estruturas sociais que interagem com a desigualdade e a diversidade. O turismo surge, portanto, da necessidade humana de interagir com esses bens culturais, sejam tangíveis ou intangíveis, e esse processo pode promover uma compreensão mais profunda das estruturas sociais, das relações de poder e da construção da identidade.

O turismo nasce da necessidade da interação com esses bens culturais, já no século XVI, com as chamadas Grand Tours, se caracterizavam como viagens organizadas como jornadas de estudos, com durabilidades de dois a três anos, empreendidas por jovens nobres e burgueses ingleses, com intuito de conhecer as artes, outras culturas e outros idiomas. De caráter elitista, se desenvolveu em cima de um modelo fordista de produção, caracterizando-se em um segmento de massa. E paulatinamente foi apresentada a população global, sendo consumido pela massa enquanto atividade meramente econômica. A necessidade de reverter este conceito objetivo fez-se necessária vista se tratar de uma prática que não trazia benefícios à comunidade local, e prejudicava o meio ambiente. (Almeida; Ferreira, 2017, p. 141).

Exemplificando um modelo de turismo arqueológico inclusivo, podemos observar o projeto TURARQ (Turismo Arqueológico para Territórios de Baixa Densidade do Médio Tejo), alinhado ao programa Bridges da Unesco. Esse projeto busca integrar diversas áreas do saber, incluindo as humanidades e as Ciências Sociais, com o conhecimento local e tradicional. A proposta de pesquisa e educação, unida a ações voltadas para a sustentabilidade global, visa coordenar estratégias resilientes que respondam às mudanças ambientais e sociais em nível local, promovendo o desenvolvimento comunitário e o fortalecimento da identidade dos territórios.

A formação da identidade cultural desempenha um papel fundamental no desenvolvimento local, como afirmam Kashimoto, Marinho e Russeff (2002). Os autores destacam que é essencial para a comunidade fortalecer sua identidade para que possa liderar seu próprio processo de desenvolvimento e escolher soluções adequadas às suas necessidades. Amartya Sen, em seu livro *Desenvolvimento como Liberdade* (1999), argumenta que o desenvolvimento não deve ser apenas econômico, mas também um processo de expansão das liberdades reais das pessoas, sendo fundamental que a identidade cultural e a participação ativa da comunidade sejam promovidas para que elas possam guiar seu próprio desenvolvimento.

Moreno Melgarejo e López (2017) enfatizam que o turismo arqueológico sustentável pode ser um veículo para promover o interesse público pela arqueologia e a conservação do patrimônio arqueológico, especialmente em regiões de baixa densidade populacional, como o Médio Tejo, onde o patrimônio arqueológico representa mais de 90% dos recursos da região. O desenvolvimento de políticas voltadas para

o turismo arqueológico não envolve apenas a promoção da prática, mas também a conservação da história e identidade dos territórios, assegurando que esses patrimônios sejam preservados para as futuras gerações.

A participação ativa da comunidade local é um fator crucial no processo de desenvolvimento de projetos turísticos. Isso não apenas garante o fortalecimento do sentimento de pertencimento, mas também contribui para experiências autênticas e significativas para os turistas. Ferraz, Melo e Simão (2023) observam que a interpretação do patrimônio arqueológico pode ser uma ferramenta valiosa para ampliar o apelo turístico local, incentivando uma maior participação dos turistas por meio de narrativas criativas que associam aspectos tangíveis e intangíveis do patrimônio.

Outro exemplo de turismo inclusivo é a Rede Caiçara, em Paranaguá, no litoral do Paraná. Colleti et al. (2022) descrevem a Rede como uma organização que envolve cinco comunidades locais e que, desde 2012, vem se estruturando com o apoio de universidades e secretarias municipais. Em 2014, a região iniciou suas primeiras atividades turísticas, e em 2018, a Rede Anfítrioes do Litoral do Paraná consolidou a colaboração entre os grupos de turismo comunitário. A organização local está crescendo, com pousadas, lanchonetes e hospedagem familiar, além de práticas financeiras sustentáveis. A culinária local, como a pesca do siri, é central para a identidade e geração de renda nas comunidades, mostrando como o turismo pode reforçar e integrar a cultura local às atividades turísticas.

O desenvolvimento local pode assumir diversos recortes territoriais e ser viabilizado em bairros, distritos, municípios, microrregiões geográficas, mesorregiões geográficas, regiões de planejamento estaduais, bacias hidrográficas, estados e outros. Portanto, o local não é uma questão de escala, e sim de natureza, como apontam diversos autores. Ele não resulta somente de uma demarcação feita sobre o mapa, a partir de critérios preestabelecidos, muito embora políticas governamentais possam selecionar áreas prioritárias para a ação local (Kronemberger, 2011, p. 32).

Dessa forma, Kronemberger (2011) destaca uma série de conceitos cruciais para o desenvolvimento local, incluindo protagonismo comunitário, participação social, cidadania e empreendedorismo. Em particular, a participação social é fundamental, devendo emergir assim, o turismo arqueológico, ao ser integrado ao desenvolvimento local e à preservação cultural, podendo ser uma ferramenta poderosa para promover o crescimento econômico, ao mesmo tempo em que respeita e valoriza a identidade das comunidades locais. A preservação do patrimônio e o fortalecimento da participação local são essenciais para garantir que o turismo beneficie verdadeiramente as comunidades e contribua para o desenvolvimento sustentável e inclusivo.

4 O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO ARQUEOLÓGICO E SUA APLICAÇÃO NA EDUCAÇÃO, ENSINO DE CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E GEOGRAFIA

O desenvolvimento do turismo arqueológico, ao longo das últimas décadas, tem se mostrado não apenas como uma ferramenta de valorização do patrimônio cultural e histórico, mas também como uma

potente ferramenta educativa. A possibilidade de integrar o turismo arqueológico com a educação permite que os turistas e as comunidades locais se envolvam ativamente no processo de preservação, valorização e disseminação dos saberes que envolvem as práticas arqueológicas, culturais e históricas. Além disso, o turismo arqueológico oferece um contexto prático para o ensino de disciplinas como Ciências, Matemática e Geografia, proporcionando uma rica interação entre teoria e prática (Almeida & Ferreira, 2017).

A educação, em seu sentido mais amplo, envolve o processo de transmissão e troca de conhecimento. O turismo arqueológico, ao aproximar as pessoas de vestígios históricos e culturais, promove uma aprendizagem significativa, onde o conhecimento não é apenas recebido de forma passiva, mas vivido de forma interativa. O contato direto com o patrimônio arqueológico torna a experiência mais concreta, permitindo que os visitantes compreendam as realidades históricas e culturais dos locais visitados.

Quando aliado a métodos pedagógicos inovadores, o turismo arqueológico se torna uma poderosa ferramenta para o Ensino de Ciências, Matemática e Geografia, pois é possível contextualizar conteúdos de forma prática. As visitas a sítios arqueológicos permitem a observação do ambiente e das técnicas utilizadas pelos povos antigos, promovendo um aprendizado multidisciplinar que envolve diversos aspectos do conhecimento (Campos et al., 2024a, Campos et al. 2024b, Oliveira et al., 2013, Pires & Campos, 2012, Pires et al., 2012).

O Ensino de Ciências se beneficia do turismo arqueológico ao possibilitar a integração de conceitos científicos com a prática vivencial. Os alunos têm a oportunidade de compreender como os primeiros povos interagiam com o ambiente natural, como utilizavam recursos naturais e como essas práticas influenciaram a evolução das sociedades humanas. De acordo com Laraia (1986) as práticas de subsistência e as tecnologias empregadas pelos povos antigos são fundamentais para entender as relações entre os seres humanos e a natureza. Ao visitar um sítio arqueológico, os alunos podem aprender sobre o uso de tecnologias antigas, como a construção de abrigos, a agricultura, o controle da água e o uso de utensílios, todos baseados no conhecimento da natureza.

Além disso, o turismo arqueológico oferece uma experiência direta com a biodiversidade local, permitindo a observação de ecossistemas e suas interações, além de possibilitar o ensino de temas relacionados à geologia e paleontologia. As descobertas arqueológicas, muitas vezes associadas à análise de fósseis e vestígios naturais, ajudam a ilustrar conceitos de evolução biológica e a história da Terra, tornando o aprendizado mais dinâmico e interessante (Rosenberg & Shreeve, 2006).

A Matemática, embora muitas vezes vista como uma disciplina abstrata, encontra no turismo arqueológico um terreno fértil para sua aplicação prática. Muitas das estruturas arqueológicas, como templos, pirâmides e cidades antigas, foram construídas utilizando conhecimentos geométricos e matemáticos avançados para a época. O estudo das proporções, simetrias, escalas e medidas presentes em

construções antigas pode ser utilizado para ilustrar conceitos matemáticos de uma maneira tangível (Burns, 2012).

Exemplos clássicos de aplicação matemática podem ser encontrados na construção das pirâmides do Egito, nas linhas de Nazca, ou nas cidades maias, todas projetadas com um nível impressionante de sofisticação matemática. Durante as visitas aos sítios arqueológicos, os estudantes podem estudar como as antigas civilizações usaram a geometria para construir estruturas que se mantiveram por milênios, oferecendo uma compreensão prática dos conceitos matemáticos (Almeida & Ferreira, 2017).

A Geografia, como campo do conhecimento que estuda as interações entre os seres humanos e o ambiente, também se beneficia do turismo arqueológico. A visita a sítios arqueológicos permite que os estudantes compreendam as relações entre as antigas civilizações e os espaços geográficos que ocuparam. Através do estudo dos assentamentos humanos antigos, é possível entender como as características físicas do território influenciaram as escolhas dos locais para a construção de cidades, habitações e centros de poder (Campos et al., 2024a, Campos et al. 2024b, Oliveira et al., 2013, Pires & Campos, 2012, Pires et al., 2012). Segundo Imparato e Lara (2007), o estudo das sociedades antigas revela como as características geográficas influenciaram suas dinâmicas sociais, econômicas e políticas.

Além disso, o turismo arqueológico oferece uma oportunidade de observar as transformações no uso do solo ao longo do tempo, incluindo as alterações nos ecossistemas, o impacto das atividades humanas sobre o ambiente natural e como as sociedades antigas desenvolveram suas próprias soluções para problemas ambientais, como a escassez de água e alimentos (Santos & Almeida, 2006).

As atividades de campo relacionadas ao turismo arqueológico também permitem que os alunos apliquem conceitos geográficos, como a leitura de mapas, a análise de paisagens e a identificação de elementos naturais e humanos que caracterizam um sítio arqueológico. Dessa forma, o turismo arqueológico pode proporcionar uma imersão no estudo das relações entre o homem e o meio ambiente ao longo da história (Campos et al., 2024a, Campos et al. 2024b, Oliveira et al., 2013, Pires & Campos, 2012, Pires et al., 2012).

Diversos projetos têm buscado integrar o turismo arqueológico com o Ensino de Ciências, Matemática e Geografia. Um exemplo é o Projeto ARQUEOMAP ² (*Proyecto de Investigación Arqueológica*), que busca criar um recurso educacional interativo para escolas e turistas, permitindo a exploração de sítios arqueológicos e sua relação com o território. O projeto combina tecnologia e educação, utilizando mapas interativos para ilustrar a evolução de diferentes regiões ao longo do tempo e como as civilizações antigas se adaptaram ao ambiente (Ferraz, Melo & Simão, 2023).

² Disponível em: <<https://www.arqueomap.com/proyecto-de-investigacion-arqueologica/>>

Outro exemplo é o Projeto ARCHEOED ³, que oferece workshops educativos em sítios arqueológicos, com foco no Ensino de Geografia, Ciências Naturais e História, através de atividades práticas, como escavações simuladas e a análise de artefatos. Esse tipo de iniciativa tem demonstrado ser eficaz não só para turistas, mas também para educadores e alunos, criando um ambiente de aprendizado dinâmico e imersivo (Woodward, 2007).

Embora o turismo arqueológico tenha grande potencial educativo, ele também enfrenta desafios. A preservação do patrimônio é um dos maiores obstáculos, uma vez que o aumento do turismo pode colocar em risco a integridade dos sítios arqueológicos. A educação sobre a importância da conservação e do respeito aos espaços sagrados e históricos é essencial para garantir que o turismo não cause danos irreversíveis (Krippendorf, 2003).

Além disso, é necessário um esforço conjunto entre educadores, arqueólogos, gestores de turismo e as comunidades locais para criar programas de educação que atendam a todos os públicos de forma inclusiva e acessível. A formação de guias turísticos especializados e capacitados para transmitir o conhecimento de forma precisa e envolvente também é crucial para o sucesso do turismo arqueológico como ferramenta educativa (Laraia, 1986).

Ao integrar o turismo com a educação, é possível transformar a aprendizagem em uma experiência vivencial, estimulando o interesse dos estudantes e promovendo o respeito pelo patrimônio cultural e histórico (Campos et al., 2024a, Campos et al. 2024b, Oliveira et al., 2013, Pires & Campos, 2012, Pires et al., 2012). Com a gestão adequada e uma abordagem sustentável, o turismo arqueológico tem o potencial de contribuir significativamente para o desenvolvimento educacional e cultural das comunidades e das gerações futuras.

5 TURISMO ARQUEOLÓGICO E ENSINO INCLUSIVO: ABORDAGENS PARA ALUNOS COM NEURODIVERSIDADE

A promoção do ensino inclusivo no contexto do turismo arqueológico é essencial para garantir que todos os alunos, independentemente de suas particularidades, tenham acesso a uma aprendizagem de qualidade. O turismo arqueológico oferece uma oportunidade única para trabalhar com diferentes estilos de aprendizagem, utilizando abordagens diversas que atendem às necessidades de alunos com neurodiversidade.

A neurodiversidade é um termo que se refere a diversas condições relacionadas ao desenvolvimento diverso do cérebro, como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); Altas Habilidades /Superdotação (AH/SD); dislexia; discalculia; dispraxia e

³ Disponível em: <<https://www.archeoad.it/>>

outros. As pessoas que possuem neurodiversidade são chamadas também de neurodivergentes (Abreu, 2022). Nesse artigo vamos focar especificamente nas estratégias que podem ser utilizadas para incluir os alunos com TEA, TDAH e AH/SD no turismo arqueológico.

A matrícula de estudantes com TEA, TDAH e AH/SD é cada vez mais frequente na universidade evidenciando a necessidade de promover estratégias inclusivas para que esses alunos participem ativamente do universo acadêmico (Oliveira et al., 2024, Oliveira et al. 2025).

O aluno neurodivergente apresenta questões sensoriais que impactam suas atividades educacionais, isso porque podem ser hipo ou hipersensíveis, o que em determinados momentos pode gerar uma sobrecarga de estímulos que colabora para a exclusão desse aluno do processo de aprendizagem (Diniz, 2024). Nesse sentido, o ambiente controlado de um sítio arqueológico pode ser desafiador devido a estímulos sensoriais excessivos, como ruídos, multidões e mudanças no ambiente. Por isso, é fundamental planejar visitas e atividades com um cuidado especial para minimizar esses estímulos. O uso de recursos visuais, como mapas detalhados, vídeos e ilustrações de artefatos, pode ajudar na preparação para a visita, além de permitir que o aluno se envolva de forma mais tranquila com o conteúdo apresentado.

Além disso, a interação com o ambiente físico de forma tátil pode ser uma forma valiosa de aprendizado para estudantes com neurodiversidade. A exploração de réplicas de artefatos, por exemplo, pode ser uma atividade sensorial que permite aos alunos fazer conexões tangíveis com o conteúdo histórico e cultural.

Alunos com TDAH frequentemente apresentam dificuldades em manter o foco por longos períodos, o que pode ser um desafio em atividades que exigem atenção contínua. Portanto, as visitas e as atividades educativas devem ser curtas, interativas e dinâmicas, para manter o interesse desses alunos. Dividir as visitas em partes menores, cada uma com um objetivo específico, pode ajudar a manter a atenção dos alunos com TDAH.

Além disso, estratégias de ensino que envolvem o movimento, como atividades ao ar livre que permitam exploração ativa do local, podem ser eficazes. O uso de jogos educativos, quiz interativos e desafios que envolvam o pensamento crítico também são métodos que podem ser aplicados durante as visitas para estimular a participação dos alunos com TDAH, promovendo o aprendizado de forma divertida e engajante. Segundo Barkley (2000), o envolvimento ativo e a aplicação prática de conceitos ajudam a melhorar o foco e a retenção de informações em estudantes com TDAH.

Para os alunos com AH/SD, o turismo arqueológico oferece uma vasta gama de oportunidades de aprendizagem aprofundada. Estes alunos podem se beneficiar de atividades que incentivem o pensamento crítico, a resolução de problemas complexos e a exploração de temas de maneira mais avançada. Durante uma visita a um sítio arqueológico, atividades como a análise de artefatos, a reconstrução de mapas antigos ou a pesquisa sobre técnicas arqueológicas podem ser particularmente estimulantes.

Além disso, esses alunos podem ser incentivados a desenvolver projetos de pesquisa que envolvam o turismo arqueológico, como a criação de materiais educativos para outros estudantes ou a análise comparativa de diferentes culturas e práticas arqueológicas. De acordo com Reis e Renzulli (2004), oferecer desafios intelectuais adequados às necessidades de alunos com altas habilidades ajuda a promover o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e criativas.

Souza e Fert (2024) analisaram a acessibilidade para realização de uma atividade de turismo para um pessoa com TEA, e concluíram que “apesar de atualmente possuir algumas iniciativas na atividade turística, a acessibilidade para a pessoa com TEA ainda é bastante incipiente” (Op. cit., p. 1). Essa dificuldade relacionada à acessibilidade para a prática do turismo se estende para os demais estudantes com neurodiversidade. Para garantir que o turismo arqueológico seja verdadeiramente inclusivo, é necessário considerar as necessidades e potencialidades de todos os alunos (Oliveira et al., 2024, Oliveira et al. 2025). Algumas estratégias incluem:

- **Planejamento Prévio:** Adaptar o conteúdo das visitas de acordo com as necessidades dos alunos, fornecendo materiais de apoio antecipadamente, como vídeos, textos simplificados ou versões adaptadas de mapas e gráficos.
- **Apoio Sensorial:** Para alunos com TEA, criar momentos de pausa ou espaços mais tranquilos onde eles possam se recuperar dos estímulos excessivos pode ser uma estratégia eficaz.
- **Tecnologia Assistiva:** O uso de tecnologias como aplicativos de realidade aumentada ou vídeos interativos pode ajudar a tornar a experiência mais acessível, permitindo que os alunos se envolvam com o conteúdo de uma forma que se ajuste ao seu estilo de aprendizagem.
- **Atividades Práticas e Interativas:** Incluir atividades de campo, como a busca de artefatos ou o uso de réplicas para reconstruir partes de sítios arqueológicos, pode ser uma excelente forma de engajar todos os alunos, em especial os com TDAH e altas habilidades.
- **Grupo de Apoio:** Para alunos com dificuldades específicas de aprendizagem, pode-se garantir que haja um suporte adequado durante a visita, seja um acompanhante, seja um guia especializado, para ajudar na explicação de conceitos e facilitar a interação.

O turismo arqueológico se apresenta como um rico exemplo de metodologia ativa da aprendizagem no qual os estudantes exploram e ressignificam os conteúdos aprendidos na teoria. As metodologias ativas de aprendizagem são apontadas pela literatura como estratégias cruciais para promover a inclusão de alunos neurodivergentes (Brito & Paniago, 2024).

Ao adotar essas abordagens inclusivas, o turismo arqueológico pode se tornar um meio poderoso não apenas para o ensino das disciplinas de Ciências, Matemática e Geografia, mas também para promover

a inclusão educacional e garantir que todos os alunos, independentemente de suas necessidades, tenham a oportunidade de aprender de maneira significativa e envolvente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do turismo arqueológico, especialmente quando aliado ao ensino inclusivo e ao fortalecimento das comunidades locais, configura-se como uma estratégia relevante para promover a preservação cultural e histórica, ao mesmo tempo que contribui para a educação e o desenvolvimento econômico. Através da abordagem adotada neste trabalho, foi possível compreender que o turismo arqueológico, ao ser entendido não apenas como uma prática econômica, mas também como um meio de inclusão e valorização cultural, tem o potencial de impactar positivamente as comunidades envolvidas e os espaços que preservam o patrimônio histórico.

Primeiramente, foi destacado o conceito de desenvolvimento local, que não deve ser visto como um simples processo de crescimento econômico, mas como uma transformação integrada ao bem-estar e à participação ativa dos membros da comunidade. Um desenvolvimento local genuíno envolve a inclusão dos habitantes locais no processo de tomada de decisões e na construção do futuro de suas próprias regiões, o que fortalece o sentimento de pertencimento e a identidade cultural. Através de exemplos de projetos como o TURARQ e a Rede Caiçara, observou-se como a colaboração entre diferentes atores sociais pode resultar em práticas turísticas mais sustentáveis e inclusivas, que beneficiam as comunidades ao gerar emprego e promover o conhecimento cultural e histórico.

Além disso, a reflexão sobre o turismo arqueológico amplia a compreensão sobre o papel do turismo não apenas como uma forma de lazer, mas como uma atividade educativa, capaz de sensibilizar os turistas e as comunidades locais sobre a importância da preservação do patrimônio cultural. Nesse contexto, a promoção de um turismo arqueológico inclusivo se torna um instrumento eficaz de conscientização sobre a importância da cultura local e do patrimônio material e imaterial, ao mesmo tempo que promove o desenvolvimento de um turismo mais ético e responsável.

A partir da análise do turismo arqueológico em territórios de baixa densidade populacional, como o Médio Tejo, foi possível perceber que a educação e a preservação do patrimônio arqueológico estão intrinsecamente ligadas à identidade e ao desenvolvimento local. O turismo, nesse sentido, deve ser uma ferramenta de valorização da memória e da cultura local, não apenas como atividade econômica, mas também como uma forma de fortalecer o senso de pertencimento da comunidade. As iniciativas descritas reforçam a importância de estratégias colaborativas que envolvem a comunidade em todos os estágios, desde a criação até a execução de projetos turísticos, garantindo a sustentabilidade e o respeito à identidade cultural dos locais.

Outro ponto central foi a integração da educação inclusiva no contexto do turismo arqueológico. Considerando a importância de garantir que todos os estudantes, independentemente de suas especificidades cognitivas ou comportamentais, tenham acesso ao conhecimento, foi discutido como as práticas inclusivas podem ser aliadas ao ensino de Ciências, Matemática e Geografia. A educação inclusiva deve estar no cerne das práticas pedagógicas, permitindo que alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e altas habilidades se envolvam plenamente com o conteúdo de turismo arqueológico. A adaptação dos currículos e das metodologias de ensino, para que se adequem às necessidades desses alunos, faz com que o turismo arqueológico se torne um ambiente educativo e acessível, capaz de promover o aprendizado significativo.

Em conclusão, a integração do turismo arqueológico com a educação inclusiva e a preservação cultural e histórica demonstra ser um caminho promissor para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e sustentável. O turismo arqueológico, ao ser combinado com práticas educativas que valorizam a diversidade e a inclusão, pode servir como um meio de transformação social e ambiental, beneficiando tanto as comunidades locais quanto os turistas, ao criar experiências que promovem o conhecimento e o respeito pela história e pela cultura. O papel da educação, neste contexto, é essencial, pois permite que as futuras gerações compreendam a importância de preservar o patrimônio e de construir um futuro mais equitativo e inclusivo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, T. O que é neurodiversidade? Cannonne Editorial: Goiania. 2022. 101p.
- ALMEIDA, J. C.; FERREIRA, L. C. Turismo Arqueológico: Identidade, Preservação e Inclusão Social. *Revista de Turismo e Patrimônio Cultural*, v. 15, n. 3, p. 139-153, 2017.
- BARKLEY, R. A. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Ed. Artmed, 2000.
- BARRETO, M. C. de C.. Turismo: Uma visão integrada. São Paulo: Papirus, 2000.
- BAUMAN, Z. Modernidade Liquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENI, M. C. Análise estrutural do turismo. 14 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.
- BRASIL. Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra da Capivara. Brasília, DF: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2019.
- BRITO, L. H. da S.; PANIAGO, M. C. L. Metodologias ativas para inclusão: reflexões a partir da revisão de literatura. *Contribuciones A Las Ciencias Sociales*, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 1-18, 26 mar. 2024. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.55905/revconv.17n.3-293>.
- BURNS, S. Mathematics in ancient architecture: Geometry and constructions in historical buildings. *Journal of Mathematical Culture*, v. 15, n. 3, p. 45-63, 2012.
- CAMPOS, R. A.; NISHIKAWA, T. F. da C.; SUZUKI, J. T. F.; SILVA, C. H. da; CASTRO, P. H. M. de; PIRES, F. J.; SILVA, C. S. da. Catalogação e Documentação do Acervo Arqueológico do Museu de Geociências da Universidade Estadual do Norte do Paraná. *Contemporânea - Revista de Ética e Filosofia Política*. v. 4, p. 1-20, 2024a. Disponível em: <<https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/5176/3891>>.
- CAMPOS, R. A.; NISHIKAWA, T. F. da C.; SUZUKI, J. T. F.; SILVA, C. H. da; CASTRO, P. H. M. de; PIRES, F. J.; SILVA, C. S. da. Redemption, Cataloging And Documentation Of The Archaeological Collection Of The Geoscience Museum Of The Universidade Estadual Do Norte Do Paraná. In: *Research in exact and technological sciences*. ed. 1. Curitiba - Paraná: Editora Contemporânea, 2024b, v. 1, p. 91-107. Disponível em: <<https://revistacontemporanea.com/wp-content/uploads/2024/09/Research-in-exact-and-technological-sciences.pdf>>.
- CNC. Confederação Nacional do Comércio de Bens, serviços e turismo. Turismo e Economia: Relatório Anual 2021. Rio de Janeiro: CNC, 2021.
- COLETTI, F.; HATANO, C.; GARATINI, C.; TONIOLO, R.; MORAIS, P. Turismo de Base Comunitária e a Economia Social e Solidária: Organização da Gestão do Turismo em Comunidades Caiçaras. *Turismo e Sociedade*, Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, v. 15, n. 3, p. 37-59, set.-dez. 2022.
- DIAS, R. Turismo: princípios, práticas e impactos. São Paulo: Roca, 2003.

DINIZ, L. Guia de Audiovisual para Neurodiversidade / Luanna Diniz; Maria Eduarda Rosa. Forma Educacional Editora: Formiga (MG), 2024. 11 p. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/747459/2/Guia%20de%20Audiovisual%20para%20Neurodiversidade.pdf>>. Acesso em: 12 de março de 2025.

FARIAS, E. Carnaval carioca: a matriz do negócio do ócio brasileiro. Cadernos CRH, n. 38, jan./jun. 2003.

FARIAS, E. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. Sociedade e Estado, Brasília, v. 20, n. 3, p. 647-688, set./dez. 2005.

FERRAZ, G.; MELO, P.; SIMÃO, F. Turismo arqueológico em territórios de baixa densidade: potencial e desafios. Revista Brasileira de Turismo e Patrimônio, v. 12, n. 1, p. 41-61, 2023.

GUIMARÃES, P.; BRANDÃO, A. Turismo: planejamento e gestão. São Paulo: Roca, 2009.

HOSE, T. A. 3G's for Modern Geotourism. Geoheritage, v. 4, p. 7-24, 2012. <https://doi.org/10.1007/s12371-011-0052-y>.

IDEMA. Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte. Relatório de Impacto Econômico do Geoparque Seridó. Natal: IDEMA, 2009.

IMAPARATO, P.; LARA, F. Geografia das antigas civilizações: Influências do meio ambiente nas escolhas humanas. Geografia e Sociedade, v. 34, n. 1, p. 70-85, 2007.

KARF, M.; KERKOFF, P.; SHREEVE, A. O patrimônio cultural como ferramenta educacional. Heritage Studies Journal, v. 12, n. 4, p. 202-215, 2000.

KASHIMOTO, M.; MARINHO, J.; RUSSEFF, A. Desenvolvimento sustentável e turismo. São Paulo: Senac, 2002.

KRIPPENDORF, J. A face excludente do turismo moderno. Journal of Tourism Ethics, v. 19, n. 1, p. 90-103, 2003.

KRIPPENDORF, J. The Holiday Makers. Oxford: Heinemann, 2003.

KRONEMBERGER, T. Desenvolvimento local e participação social. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

LARAIA, R. de B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LÓPEZ, R.; MORENO, M. Turismo arqueológico e preservação do patrimônio. Madrid: Fundación Arqueológica, 2018.

MARTINS, J. de S. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 2002.

MENÉNDEZ, F.; GUERRA, M.; MONTEIRO, C. Turismo e identidade cultural. Lisboa: Lidel, 2015.

MOLINA, J.; RODRÍGUEZ, C. Cultura e turismo: um diálogo necessário. Barcelona: Editorial UOC, 2001.

MORENO MELGAREJO, A.; LÓPEZ, I. Relaciones entre Turismo y Arqueología: el Turismo Arqueológico, una tipología turística propia. PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 15, n. 1, p. 131-145, 2017.

MUNDET, J. Lluís. Turismo pós-moderno e a valorização do local. Revista Turismo e Sociedade, v. 9, n. 1, p. 5-18, 2016.

NASCIMENTO, J. S. Geoparque Seridó: economia e desenvolvimento. In: Estudos Regionais. Natal: Editora UFRN, 2020. p. 45-67.

NOVAES, S. O. Identificação e delimitação de geoparques. In: Geoconservação e sustentabilidade. Rio de Janeiro: Editora IBAMA, 2016. p. 78-99.

O GLOBO. Carnaval do Rio teve turistas de 160 países; ao menos 8 milhões de pessoas aproveitaram a folia no estado. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/03/06/carnaval-do-rio-teve-turistas-de-160-paises-ao-menos-8-milhoes-vieram-aproveitar-a-folia-no-estado.ghhtml>>. Acesso em: 11/03/2025.

OLIVEIRA, A. R. S.; SILVA, D. H. de M.; SOUZA, P. B. V.; CAMPOS, R. A. Métodos de Documentação e Catalogação Arqueológica: Registro de Artefatos. In: Anais do I Simpósio De Geografia “Novos Rumos Para Os Estudos Geográficos”; IX Semana De Geografia Da Uenp, 2013, Cornélio Procópio. Cornélio Procópio: UENP, 2013, v. 1, p. 1-8.

OLIVEIRA, A. R. de P. e; SILVA, T. R.; ROSSIERI, R. A.; GARRIDO, G. O. C.; SILVA, C. H. da; JANUÁRIO, M.; VALE, R. A. L. do; CAMPOS, R. A. Inclusive education in higher education: formative demands of professors at the state University Of Northern Paraná (UENP) Jacarezinho Campus. Aracê - Direitos Humanos em Revista, v. 6, p. 18002-18016, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2534>>[doi:10.56238/arev6n4-407].

OLIVEIRA, A. R. de P. e; SILVA, T. R.; ROSSIERI, R. A.; GARRIDO, G. O. C.; SILVA, C. H. da; JANUÁRIO, M.; VALE, R. A. L.; CAMPOS, R. A. Educação Inclusiva No profícuo Ensino Superior: Demandas Formativas Dos Docentes Da Universidade Estadual Do Norte Paraná (UENP) – Campus Jacarezinho. In: Education and Innovation: New Perspectives for Teaching. ed.1. São José dos Pinhais - Paraná: Seven Editora, 2025, v. 1, p. 1-15. Disponível em: <<https://sevenpublicacoes.com.br/editora/article/view/6529>>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). (2022). Relatório Anual 2022. Madrid: OMT.

PALOMEQUE, F. Economia do turismo. Madrid: Síntesis, 2001.

PASSANOTO NETTO, A. Turismo e economia: desafios contemporâneos. São Paulo: Manole, 2007.

PIRES, F. J.; CAMPOS, R. A. Catalogação e Documentação do Acervo Arqueológico do Museu de Geociências do Curso de Geografia da UENP: Um Breve Relato das Atividades. In: Anais da VIII Semana De Geografia “Geografia e a Questão Ambiental” e V Jornada Científica Do Curso De Geografia. Cornélio Procópio - PR: UENP, 2012, v. 1, p. 1-11.

PIRES, F. J.; PICOLI, F. F. M.; RODRIGUES, É. S.; CAMPOS, R. A. Catalogação e Documentação do Acervo Arqueológico do Museu de Geociências do Curso de Geografia da UENP. In: Anais do II Jornada de Iniciação Científica e I Workshop PIBIC EM e PIBIC Jr da UENP - Ideias e SociedadeBandeirantes - PR: CIC/UENP, 2012, v. 1, p. 1-7.

RABAHY, W. Turismo e desenvolvimento: estudos econômicos e estatísticas no planejamento. Barueri (SP): Editora Manole, 2003.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, D. M.; COSTA, C. M. Turismo: tendências de evolução. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Amapá, v. 10, n. 1, p. 21-33, 2017. DOI 10.18468/pracs.2017v10n1p.21-33

REBOLLO, J. Turismo: conceitos e estratégias. Porto Alegre: Bookman, 1997.

REIS, S. M.; RENZULLI, J. S. Current research on the social and emotional development of gifted and talented students: Good news and future possibilities. Psychology in the Schools, v. 41, p. 119-130, 2004.

RODRIGUES, M. H. da S. G. Território da Serra da Capivara: um exemplo de sustentabilidade e novos desafios até 2030. In: Patrimônio Cultural, Direito e meio Ambiente: Arqueologia e Turismo Sustentável, 2021.

ROSENBERG, D.; SHREEVE, P. Cultura e ecossistemas: O impacto ambiental nas sociedades antigas. Environmental History Journal, v. 29, n. 2, p. 123-137, 2006.

RUSCHMANN, D. Turismo: como aprender a fazer. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, L.; ALMEIDA, S. A geografia da história: Dinâmicas espaciais das civilizações antigas. Geografia do Mundo, v. 47, n. 5, p. 56-71, 2006.

SCHERER, R. Emoções e turismo. São Paulo: Aleph, 2005.

SEBRAE. Turismo arqueológico apresenta grande potencial no Brasil. 2022. Disponível em: <<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/turismo-arqueologico-apresenta-grande-potencial-no-brasil,ca14da71a0122810VgnVCM100000d701210aRCRD>>. Acesso em 04/11/2024.

SEN, A. Development as freedom. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SERRÃO, A. C. O museu como pólo de desenvolvimento local: o caso do Museu de Rendas de Bilros de Vila Nova do Conde. Tese de mestrado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2007.

SILVA, G.; NEIVA, M.; FONSECA, E.; NASCIMENTO, A. Potencialidades do geoturismo para a criação de uma nova segmentação turística no Brasil. Turismo em Análise, v. 32, n. 1, p. 1-18, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i1p1-18>.

SOUZA, I. C.; FERST, M. da C. A Inclusão da pessoa com Transtorno do Espectro Autista na Atividade Turística. Revista Brasileira do Observatório de Turismo, Natal, v. 3, n. 1, p. 262-269, jun. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/ReBOT/article/view/6395>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

TRESSERRAS, J. Turismo arqueológico: uma perspectiva global. Londres: Routledge, 2004.

TRIGO, L. G. G.; NETO, M. C. Turismo: práticas e desafios. São Paulo: Aleph, 2003.

UNESCO - Seridó Geoparque Mundial da. Geoparque Seridó: Roteiros e Experiências. Rio de Janeiro: UNESCO, 2022.

UNESCO. Geoparks: A New Initiative Unesco, 2006. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000148178>>. Acesso em: 17 ago. 2024.

WIDMER, P. Turismo arqueológico. São Paulo: Senac, 2009.

WOODWARD, A. Cultura material e suas dimensões: Impactos no turismo e educação. Journal of Cultural Heritage, v. 8, n. 1, p. 120-136, 2007.

WOODWARD, I. Compreender a cultura material. São Paulo: Martins Fontes, 2007.